

CONSTRUÇÕES GRAMATICAS E LAÇOS DE POLISSEMIA: AS EXTENSÕES METAFÓRICAS DE COMUNICAÇÃO VERBAL

*Lilian Ferrari*¹

RESUMO

Este trabalho enfoca construções de comunicação verbal em português, retomando propostas de que a comunicação tende a ser codificada linguisticamente em termos da Metáfora do Conduto (Reddy, 1979). Mais especificamente, o trabalho conjuga a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980) ao paradigma da Gramática de Construções (Goldberg 1995, 2006), para defender que a Construção de Movimento Causado (CMC) e a Construção Dativa (CD), relacionadas por Laço de Herança Metafórico, podem motivar extensões associadas à Metáfora do Conduto, a partir de Laços de Polissemia: a Extensão Metafórica de Movimento Causado e a Extensão Metafórica Dativa, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de Movimento Causado; Construção Dativa; Laço de Polissemia; Extensão Metafórica; Metáfora do Conduto.

ABSTRACT

This paper focuses on verbal communication constructions in Portuguese which attest the conceptualization of human communication as object transfer, explicated in terms of the Conduit Metaphor (Reddy, 1979). More specifically, the work seeks to conjugate Conceptual Metaphor Theory (Lakoff e Johnson, 1980) and Construction Grammar (Goldberg, 1995, 2006), in order to analyze verbal communication constructions. The results show that the Caused-Motion Construction and the Dative Construction, related by metaphorical inheritance links, may be the basis for metaphorical extensions, via Polysemy Links based on the Conduit Metaphor: The Caused-Motion Metaphorical Extension and the Dative Metaphorical Extension, respectively.

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro; CNPq; lilianferrari@uol.com.br

KEYWORDS: Conduit Metaphor; Caused-Motion Construcion; Dative Construction; Polysemy Link; Metaphorical Extension.

1. INTRODUÇÃO

Em descrição detalhada das metáforas do inglês, desenvolvida no livro *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (1980) incluem um tipo específico de metáfora, que havia sido proposta por Michael Reddy no ano anterior: a Metáfora do Conduto (*Conduit Metaphor*). De acordo com Reddy (1979), essa metáfora permite que a comunicação verbal seja concebida em termos de um canal (conduto) capaz de transmitir conteúdos mentais, como pode ser exemplificado por expressões tais como *dar uma ideia a alguém*, *colocar as ideias no papel*, entre outras. Reddy (1979) ressalta que a projeção metafórica, a partir de um domínio mais concreto e perceptível como a transferência de objetos físicos através de um conduto, tem lugar justamente porque a comunicação constitui um processo complexo, invisível e abstrato. Assim, a metáfora constitui uma estratégia importante na constituição de uma metalinguagem que permita uma referência mais acessível aos processos envolvidos na comunicação humana.

Vale notar que a Metáfora do Conduto constitui uma das metáforas conceptuais mais bem estabelecidas, tendo sido reconhecida como relevante no âmbito da compreensão de atos de fala (Johnson, 1987), da realidade psicológica da metáfora (Gibbs, 1994), da evolução do significado lexical (Sweetser, 1990) e da motivação de construções gramaticais (Goldberg, 1995). Uma questão que pode ser colocada, a partir desse último estudo, diz respeito às características sintáticas dos padrões construcionais que codificam a Metáfora do Conduto. Do ponto de vista das relações entre construções, Goldberg (1995: 148) propõe que a conceptualização de eventos causais como transferências licencia o uso da Construção Dativa². Ao tratar a comunicação como algo que é *transportado* de um estímulo até o ouvinte³, a autora destaca que a Metáfora do Conduto pode acessar, como domínio-fonte, a ideia inerente à Construção Dativa de transferência de um objeto de um agente para um recipiente.

O presente artigo parte dessa observação inicial de Goldberg (1995) para o inglês, propondo uma análise de extensões metafóricas referentes à comunicação verbal no português brasileiro. O argumento a ser desenvolvido é o de que a Metáfora do Conduto pode promover não apenas extensões metafóricas da Construção Dativa, mas também permite extensões metafóricas da Construção de Movimento Causado. Na proposta goldbergiana, as duas construções estão relacionadas por um laço de herança, de modo que a Construção de Movimento Causado é considerada motivadora da Construção Dativa, por força do Princípio da Motivação Maximizada.

A análise desenvolvida no presente trabalho pretende demonstrar que padrões construcionais de comunicação verbal do português brasileiro apresentam a estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL], e podem apresentar, via laço de polissemia, padrão semântico metaforicamente relacionado tanto à Construção

² O termo 'Construção Dativa' será utilizado, neste artigo, para referência à construção nomeada, por Goldberg (1995), como "TransferCaused Motion Construction" ('Construção de Transferência de Movimento Causado' - ex. Joe gave an apple to Mary. O objetivo é dar maior transparência ao significado de doação associado à construção.

³ No original: "The 'conduit metaphor', described and named by Reddy (1979) involves communication traveling across from the stimulus to the listener" (1995: 148).

Dativa – [X CAUSA Y a RECEBER Z], quanto à Construção de Movimento Causado – [X CAUSA Y MOVER Z]. A proposta do artigo é a de que essas extensões metafóricas relacionadas à comunicação verbal caracterizam a Extensão Metafórica Dativa e a Extensão Metafórica Causativa, respectivamente.⁴

O trabalho está organizado em quatro seções principais. A seção 2, a seguir, descreve a Metáfora do Conduto, a partir das contribuições de Reddy (1979), Lakoff e Johnson (1980) e Grady (1998). A seção 3 apresenta a proposta teórica de Goldberg (1995) para as relações entre construções, de um modo geral, e para a relação entre a Construção de Movimento Causado e a Construção Dativa, em particular. Na seção 4, a análise é desenvolvida, detalhando-se as extensões metafóricas de comunicação verbal, motivadas por cada uma das construções.

2. TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL E METÁFORA DO CONDUTO

Como apontado anteriormente, um dos processos metafóricos discutido em detalhes antes mesmo da formulação da Teoria da Metáfora Conceptual foi denominado *Metáfora do Conduto* (Reddy, 1979). De acordo com essa metáfora, o domínio-fonte envolve a transferência física de objetos e o domínio-alvo representa o processo de comunicação verbal. Trata-se da metáfora complexa COMUNICAÇÃO VERBAL É TRANSFERÊNCIA DE OBJETO (POR MEIO DE UM CONDUTO), ancorada na concepção de que ideias (objetos) podem ser transferidas, por meio de um conduto. Alguns dos exemplos apresentados por Reddy para o inglês são:

- (1) *It's difficult to put my ideas into words.* (“É difícil colocar minhas ideias em palavras”)
- (2) *It's hard to get that idea across to him.* (“É difícil passar aquela ideia para ele”)
- (3) *I have to struggle to get any meaning at all out of the sentence.* (“Tenho que lutar para extrair algum significado dessa sentença”)
- (4) *The passage conveys a feeling of excitement.* (“A passagem transmite um sentimento de excitação”).

Embora nem sempre seja fácil reconhecer metáforas nessas sentenças, já que nos acostumamos a pensar sobre a comunicação como troca de objetos/ideias, Reddy (1979) ressalta que a comunicação é um processo abstrato complexo, com muitas etapas invisíveis e inacessíveis até mesmo para o próprio falante. Na verdade, não podemos colocar efetivamente ideias em palavras ou passar nossas ideias concretamente para outras pessoas, mas apenas produzir sinais sonoros (ou escritos) convencionais, cuja compreensão terá que ocorrer na mente de nossos ouvintes/leitores, sem que tenhamos acesso direto a esse processo. Assim, o grau de semelhança entre as ideias em nossas mentes e as ideias que

⁴ As extensões metafóricas a serem analisadas não constituem as únicas possibilidades de codificação sintática da comunicação verbal, em termos da Metáfora do Conduto. Outros exemplos apontados por Reddy correspondem a outras construções identificadas por Goldberg. Por exemplo, a sentença “*Harry fills his paragraphs with meaning*” é uma extensão metafórica da construção causativa com adjunto (*causative construction plus with-adjunct*, 1995: 179). Por outro lado, as extensões metafóricas enfocadas neste artigo correspondem à maior parte dos exemplos apresentados nos trabalhos seminais de Reddy (1979) e Lakoff e Johnson (1980).

serão reconstruídas por nossos interlocutores depende de uma série de fatores, entre os quais se incluem conhecimento linguístico, conhecimento de mundo compartilhado, *background* cultural, entre outros.

No livro *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (1980) não apenas retomam a proposta de Reddy (1979), mas também a reinscrevem no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual, que destaca o caráter altamente metafórico do pensamento humano. Segundo os autores, o pensamento abstrato é fundamentalmente ancorado em experiências concretas, de base perceptual e sensorio-motora, de modo que as metáforas são reconceptualizações de um domínio-alvo (mais abstrato) em termos de um domínio-fonte (mais concreto). Para ilustrar o processo, Lakoff e Johnson (1980) identificam uma série de metáforas utilizadas cotidianamente pelos falantes de inglês, tais como SABER É VER (ex. *Eu vejo o que você quer dizer*), COMPREENDER É PEGAR (ex. *Eu peguei a ideia geral do seu argumento*), RAIVA É CALOR (ex. *Ele estava fervendo de raiva*), entre outras.

Posteriormente, Lakoff (1990, 1993) destacou que a correspondência entre domínios deve obedecer ao ‘Princípio da Invariância’, que prevê que a estrutura topológica (causal, escalar ou aspectual) e as inferências associadas ao domínio-fonte sejam preservadas no domínio-alvo. No caso da metáfora RAIVA É CALOR, por exemplo, é possível projetar ‘explosão’, do domínio-fonte, para ‘raiva súbita’, no domínio-alvo; o mesmo não seria possível se o elemento do domínio-fonte fosse ‘vapor’, em função do Princípio da Invariância. Nesse último caso, não haveria preservação da estrutura do evento concreto no domínio-alvo, já que a raiva súbita representa o ápice de um processo (tal como a explosão), mas o vapor pode indicar um processo prolongado associado ao aquecimento de um líquido.

No que se refere à Metáfora do Conduto, Lakoff e Johnson (1980) estabelecem correspondências sistemáticas entre a comunicação linguística e a transferência de objetos, propondo um conjunto de correspondências convencionais:

- (5) IDEIAS/SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS
- (6) EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊINERES
- (7) COMUNICAR É ENVIAR

Essas correspondências captam a essência da proposta de Reddy. Entretanto, como apontado por Grady (1998), há um grupo minoritário entre os exemplos de Reddy que foge a esse conjunto de correspondências. Esse é o caso de expressões que envolvem a inserção de ideias em textos (ex. ‘colocar as ideias em poucas linhas’), que são motivadas pelas correspondências (5) e (6), mas não pela (7).

Essa constatação indica que a conceptualização da comunicação linguística como transferência de objetos envolve pelo menos dois tipos de situação: aquela que indica transferência de objeto de um agente para um recipiente e aquela que envolve imposição de força de um agente (causador) sobre um objeto, provocando seu deslocamento para um determinado local. Essa dupla possibilidade, por sua vez, acha-se codificada por duas extensões metafóricas distintas, como veremos na seção a seguir.

3. RELAÇÕES DE HERANÇA ENTRE CONSTRUÇÕES

Para tratar do pareamento forma-significado nas línguas, Goldberg (1995) postula a existência de construções gramaticais, estabelecendo a generalização de que conjuntos de construções constituem redes estruturadas por relações de herança e princípios psicológicos relevantes. Dentre esses princípios, o ‘Princípio da Motivação Maximizada’ motiva relações sintáticas a partir de relações semânticas. Nas palavras da autora:

Se uma construção A está relacionada a uma construção B sintaticamente, então a construção A é motivada de acordo com o grau em que está relacionada à construção B semanticamente. (1995:67)

No que se refere às relações de herança, Goldberg (1995:75) propõe quatro tipos de ligações entre construções, que podem ocorrer por polissemia, subparte, instanciação e metáfora. O laço de polissemia capta a natureza das relações semânticas entre um sentido particular de uma construção e extensões desse sentido. Por exemplo, a construção dativa apresenta o sentido central ‘X CAUSA Y a RECEBER Z’ (ex. *João deu um bolo para Ana*) e admite um conjunto de sentidos relacionados, entre os quais se inclui, por exemplo, ‘X PRETENDE CAUSAR Y a RECEBER Z’ (ex. *João assou um bolo para Ana*). O laço de subparte pode ser postulado quando uma construção é uma subparte de outra, mas existe de forma independente. Por exemplo, a construção de movimento intransitiva (ex. *A bola entrou no gol*) estabelece um laço de subparte com a construção de movimento causado (ex. *Cristiano chutou a bola para o gol*). O laço de instanciação ocorre quando uma construção é uma versão mais plenamente especificada da outra. Assim, itens lexicais particulares que só ocorrem em determinadas construções são instâncias dessas construções. Esse é o caso do sentido especial do verbo ‘to drive’ em inglês, que só ocorre em construções resultativas quando o papel de alvo-resultado está relacionado a ‘loucura’ (ex. *He drove Pat mad/bonkers/crazy*). O laço de herança metafórico tem lugar quando a metáfora constitui o modo pelo qual a semântica da construção dominante é projetada na semântica da construção dominada. O Princípio da Motivação Maximizada é recrutado para explicar a relação entre a Construção de Movimento Causado e a Construção de Dativa, com base em um laço de herança metafórico (Goldberg, 1995: 90). O diagrama a seguir ilustra o processo:

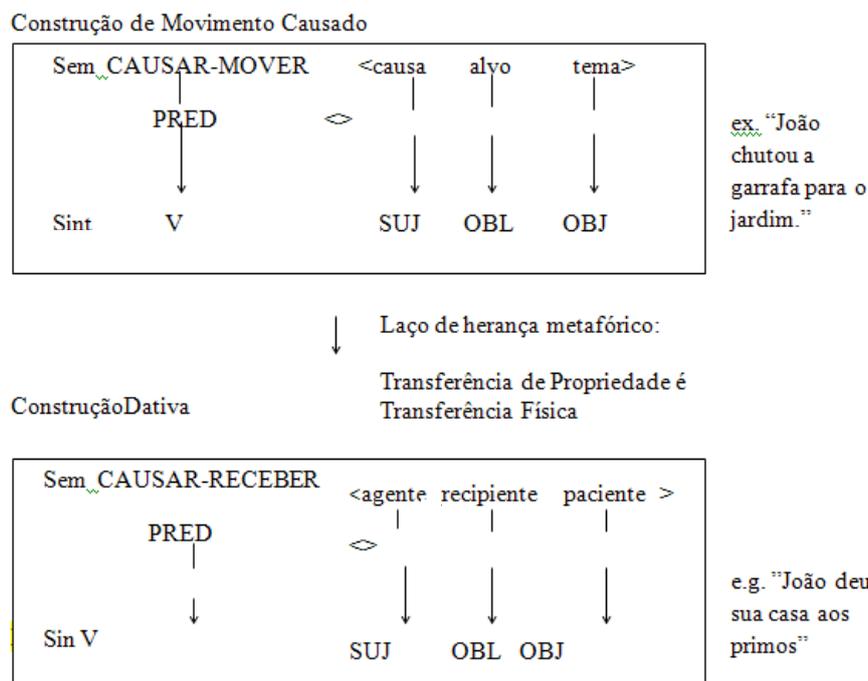


Figura 1 – Relação entre construções (Movimento Causado e Dativa)

O diagrama representa o laço de herança existente entre a Construção de Movimento Causado e a Construção Dativa. Tendo em vista que as duas construções envolvem a mesma estrutura sintática [SUJ OBJ OBL], Goldberg (1995) propõe que é possível motivar a segunda a partir da primeira através do laço de herança metafórico “Transferência de Propriedade é Transferência Física”. Assim, a ação de doação da casa aos primos, empreendida por João, pode ser concebida, metaforicamente, como a ação física de causar o deslocamento de um objeto para um alvo. A metáfora se torna evidente na medida em que, enquanto a sentença “João chutou a garrafa para o jardim” autoriza a inferência de que a garrafa realmente se moveu, não há um deslocamento físico da casa na sentença “João deu sua casa para os primos”. Nesse último caso, a mudança de propriedade, que pode ter sido feita a partir da assinatura de um documento de doação, **é metaforicamente representada como transferência física.**

Esse tipo de laço de herança, entretanto, não é a única possibilidade de relação **metafórica observada na gramática**. Os laços de polissemia também podem se estabelecer por extensão metafórica. Embora ambos os processos envolvam metáforas, vale notar que Goldberg (1995) restringe o termo *laço de herança metafórico* a processos que envolvam construções distintas, como é o caso das construções de movimento causado e dativa, em que não há apenas mudança nos papéis semânticos envolvidos (aos papéis semânticos causa, tema e alvo na primeira correspondem os papéis agente, paciente e recipiente na segunda), mas também nas relações gramaticais (o oblíquo na Construção de Movimento Causado é um adjunto adverbial locativo; na Construção Dativa, o oblíquo é objeto indireto). Já a noção de extensão metafórica, é aplicada quando as construções envolvidas não se qualificam como construções sintaticamente distintas. Nos moldes propostos por Lakoff (1987), a extensão metafórica corresponde a ligações que se estabelecem por polissemia.

Na esteira dessa distinção, a seção a seguir enfoca duas extensões metafóricas relacionadas à comunicação verbal, que estabelecem laços de polissemia com a Construção de Movimento Causado e a Construção Dativa.

4. EXTENSÕES METAFÓRICAS DE COMUNICAÇÃO VERBAL

Nesta seção, serão enfocadas duas extensões metafóricas referentes à comunicação verbal, cuja motivação está relacionada à aplicação da Metáfora do Conduto⁵. A análise, a partir de dados do português, evidencia que essas extensões metafóricas estão relacionadas a duas construções específicas: a Construção de Movimento Causado (seção 4.1) e a Construção Dativa (seção 4.2).

4.1. Extensão metafórica da construção de movimento causado

Como descrito por Goldberg (1995:152), a Construção de Movimento Causado apresenta a estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL], pareada à estrutura semântica ‘X CAUSA Y a MOVER Z’⁶, em que X é um agente causador do deslocamento da entidade Y em relação a Z, como evidenciam os exemplos “*Pat loaded hay onto the truck*” e “*They sprayed the paint onto the wall*”⁷.

Embora Goldberg não tenha discutido a possibilidade de que a Construção de Movimento Causado possa se relacionar à Construção de Comunicação Verbal, esse tipo de relação decorre naturalmente do modelo proposto, levando-se em conta a Metáfora do Conduto. Nesse caso, tem-se a *Extensão Metafórica de Movimento Causado*, cuja estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL] está associada aos papéis argumentais agente, tema e alvo, respectivamente. Vejamos alguns exemplos:

- (8) O advogado colocou palavras na minha boca.
- (9) O filósofo pôs suas ideias no papel.
- (10) Ele tentou capturar aquele pensamento em poucos parágrafos.

Nessas construções, o falante/agente promove o deslocamento metafórico de palavras/ideias/pensamentos para um alvo que constitui, por sua vez, um tipo de suporte material (boca, papel, etc.). A ideia de conduto, nesse caso, provém do próprio deslocamento, que ativa o esquema imagético de trajetória.⁸

Nas extensões metafóricas motivadas pela Construção de Movimento Causado, e ilustradas nos exemplos (8) a (10), são estabelecidas as seguintes correspondências, via Metáfora do Conduto:

5 A Metáfora do Conduto não é o único tipo de extensão metafórica que motiva construções de comunicação verbal em Português. Como apontado em estudo recente (Ferrari e Pinheiro, 2015), a comunicação verbal também pode ser concebida como atividade têxtil. O detalhamento dessa possibilidade, entretanto, foge ao escopo do presente artigo.

6 A representação ‘X CAUSA Y A MOVER Z’ deve ser interpretada atribuindo-se sentido direcional a Z (ex. para Z, para fora de Z, para dentro de Z, etc.).

7 Traduções aproximadas: ‘Pat colocou feno dentro do caminhão’ e ‘Eles espalharam a tinta na parede’, respectivamente.

8 Esquemas imagéticos são versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações da experiência sensorio-motora e perceptual (Lakoff, 1987; Johnson, 1987; Lakoff & Turner, 1989). Dentre os principais esquemas imagéticos listados na literatura, incluem-se espaço, trajetória, contêiner e força.

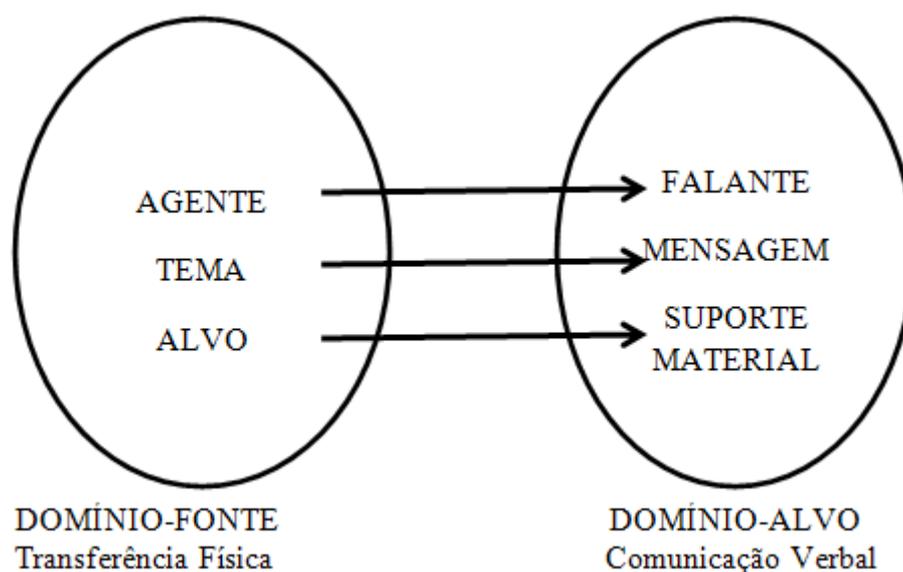


Figura 2 – Correspondência metafórica ‘Comunicação Verbal é Transferência Física’

Como demonstra a Fig.2, a Extensão Metafórica de Movimento Causado reflete a projeção entre domínios segundo a qual ideias/pensamentos, concebidos como objetos, têm sua transferência de um local a outro causada por um falante/agente que viabiliza o ‘transporte’ desses objetos em direção a um suporte material/alvo (papel, texto, etc.). Em termos sintáticos, tanto a construção literal quanto a metafórica apresentam a estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL], correspondente às relações gramaticais de sujeito, objeto direto e adjunto adverbial locativo, respectivamente.

Vale destacar que, de acordo com o Princípio da Invariância, as características do domínio-fonte tendem a ser preservadas no domínio-alvo. No caso da Extensão Metafórica de Movimento Causado, **é de se esperar que o alvo preserve as características de locativo** espacial que apresenta na Construção de Movimento Causado. E, de fato, parece haver uma diferença de aceitabilidade entre os exemplos (11) e (12):

- (11) ?O aluno conseguiu colocar suas ideias na colega.
- (12) O aluno conseguiu colocar suas ideias na cabeça da colega.

O exemplo (11) soa pouco natural, na medida em que apresenta um alvo humano. Já a maior aceitabilidade de (12) pode ser explicada pelo fato de que a expressão ‘cabeça da colega’ pode ser concebida como um locativo.

Conforme mencionado anteriormente, a referência à comunicação verbal também pode ser motivada metaforicamente pela Construção Dativa. Nesse caso, tem-se a *Extensão Metafórica Dativa*, que será detalhada na seção a seguir.

4.2. Extensão metafórica da construção dativa

Como apontado por Goldberg (1995) com relação ao inglês, a comunicação verbal pode ser conceptualizada como transferência de posse, de modo que um objeto é transferido de um agente

(falante) para um recipiente (ouvinte). Nesse caso, tem-se a Extensão Metafórica Dativa, que codifica a transferência de palavras/ideias de um agente para um recipiente:

- (13) Ele deu uma ideia ao vizinho.
- (14) A professora transmitiu seus principais pensamentos aos alunos.
- (15) O escritor passou a informação para o colega.

Na Extensão Metafórica Dativa (exemplos 13 a 15), são estabelecidas as seguintes correspondências, via Metáfora do Conduto:

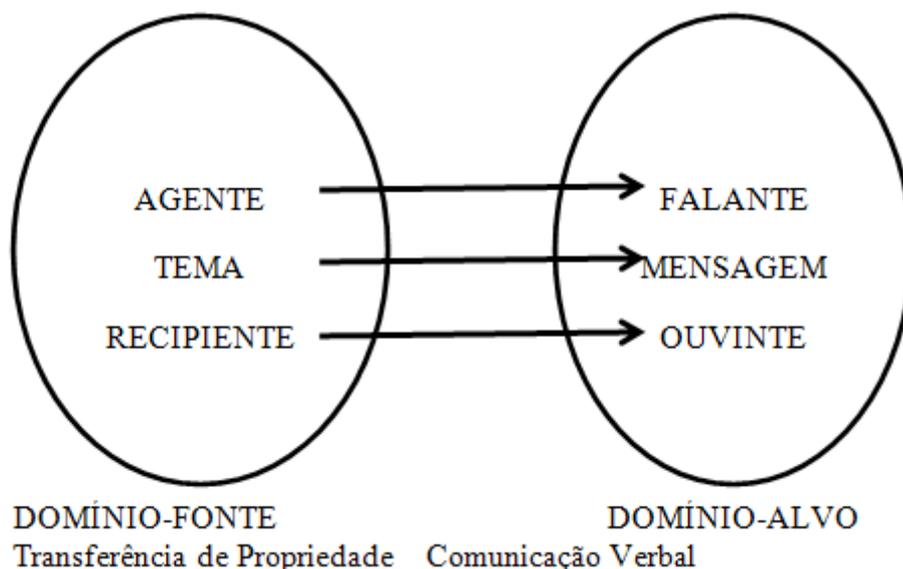


Figura 3 – Projeção metafórica: Comunicação Verbal é Transferência de Propriedade

Em termos sintáticos, tanto a construção literal quanto a metafórica apresentam a estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL], correspondente às relações gramaticais de sujeito, objeto direto e objeto indireto, respectivamente.

Assim, na Extensão Metafórica Dativa, ideias/pensamentos, concebidos como objetos, têm sua transferência metafórica causada por um agente/falante que viabiliza a doação desses objetos para um recipiente. Nessas construções, diferentemente do que ocorre com Extensão Metafórica Causativa, o Princípio de Invariância prevê que o alvo seja animado (em geral, humano). Essa previsão explica o contraste entre os exemplos (16) e (17):

- (16) *Ele deu suas ideias ao papel.
- (17) Ele colocou suas ideias no papel.

Como a Construção Dativa requer que a transferência, por doação, envolva sujeitos conscientes, a sentença (16), em que o recipiente é um locativo espacial, é inaceitável. Já a sentença (17) é uma extensão metafórica da Construção de Movimento Causado, que preserva a natureza locativa do alvo, sendo portanto plenamente aceitável.

4.3. Relações entre construções

A análise proposta nas seções anteriores evidenciou a existência de padrões construcionais de comunicação verbal motivados, via Metáfora do Conduto, por construções distintas, como a Construção de Movimento Causado e a Construção Dativa. Essa proposta constitui uma ampliação do que foi proposto na literatura, já que as construções de comunicação verbal foram associadas à Construção Dativa em inglês (Goldberg, 1995, 2006), mas não à Construção de Movimento Causado.

Os dados analisados permitiram relacionar as construções analisadas da seguinte forma:

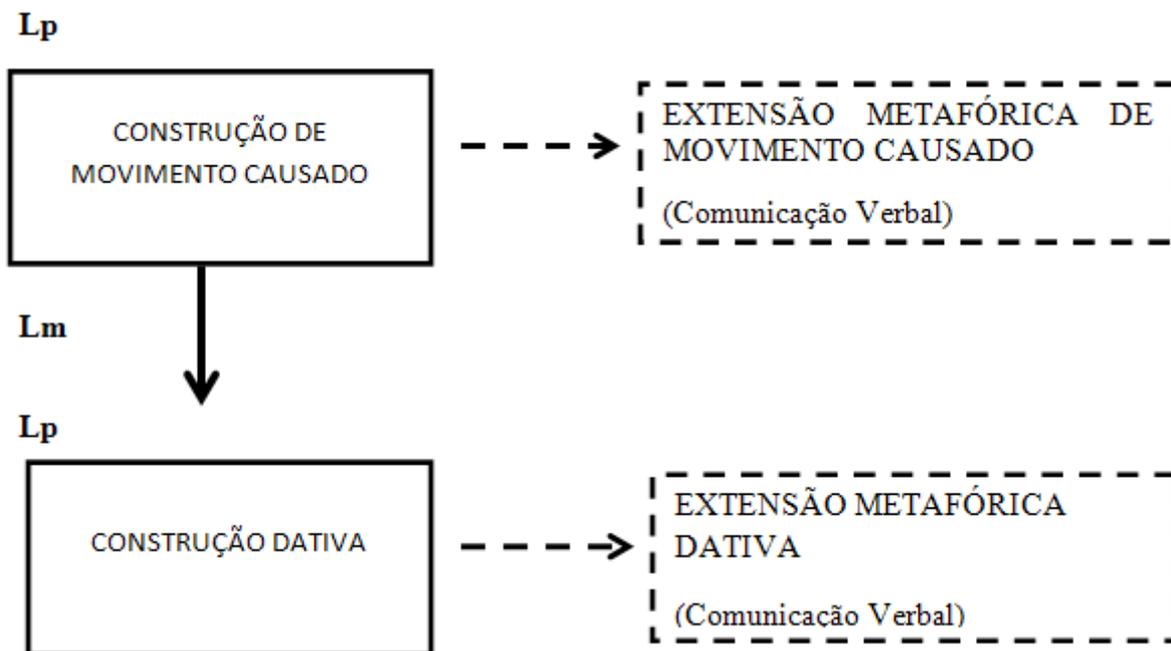


Figura 4 - Relações entre construções

Na Figura 4, a seta vertical em negrito representa o Laço de Herança Metafórica ‘Transferência de Posse é Transferência Física’, que relaciona duas construções distintas – a Construção de Movimento Causado e a Construção Dativa. Já as setas horizontais pontilhadas indicam Laços de Polissemia (Lp), que estabelecem extensões metafóricas de cada uma das construções.

O detalhamento das relações entre construções deixa claro que estruturas associadas a um mesmo domínio abstrato (isto é, a comunicação verbal) e motivadas por uma mesma metáfora (no caso, a Metáfora do Conduto) podem, ainda assim, apresentar especificidades de pareamento forma-significado, em função das diferenças entre as construções gramaticais que as motivam. Assim, a Construção de Movimento Causado (ex. *Ele colocou o livro na estante*) licencia uma extensão metafórica em que se concebe a comunicação como transferência física envolvendo o deslocamento de um objeto (pensamento/linguagem) em direção a um local (ex. *Ele colocou as ideias no papel*). Já a Construção Dativa (ex. *Ele deu um livro ao aluno*) admite uma extensão metafórica em que se enquadra a comunicação como transferência de propriedade de um objeto (pensamento/linguagem), de um agente para um recipiente (ex. *Ele deu uma ideia ao aluno*).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conjugando o paradigma da Gramática de Construções à Teoria da Metáfora Conceptual, este trabalho enfocou estruturas linguísticas que codificam a comunicação verbal no português brasileiro. Mais especificamente, o argumento desenvolvido é o de que duas construções de estrutura argumental - a Construção de Movimento Causado e a Construção Dativa – motivam extensões metafóricas referentes à comunicação.

A principal contribuição do trabalho consiste na explicitação das diferenças construcionais entre exemplos apresentados indistintamente na literatura para ilustrar a Metáfora do Conduto. Assim, embora ocorrências como ‘Ele colocou as ideias no papel’ e ‘Ele deu uma ideia ao amigo’ instanciem a mesma estrutura sintática [SUJ V OBJ OBL] e evidenciem a conceptualização da comunicação verbal como transferência de informação através de um conduto, existem diferenças importantes entre ambas, decorrentes da preservação de inferências associadas ao domínio-fonte no domínio-alvo. Assim, a extensão metafórica motivada pela Construção de Movimento Causado, licencia alvos locativos espaciais, mas não alvos humanos (animados). Já na extensão metafórica motivada pela Construção Dativa, essa restrição se inverte e o alvo tem que ser necessariamente humano. Do ponto de vista sintático, as extensões também preservam a sintaxe da estrutura motivadora: a extensão metafórica motivada pela Construção de Movimento Causado requer adjuntos adverbiais locativos na função de oblíquo; já a extensão metafórica motivada pela Construção Dativa exige objetos indiretos nessa posição.

Para finalizar, vale destacar que, ao detalhar as inter-relações entre construções gramaticais via processos metafóricos, o presente trabalho abre uma perspectiva de análise ainda pouco explorada na descrição do português, que merece ser aprofundada em trabalhos futuros sobre outras redes polissêmicas existentes na língua.

REFERÊNCIAS

- FERRARI, L. & PINHEIRO, D. (2015). Tricotar, alfinetar, rasgar o verbo: a comunicação verbal para além da Metáfora do Conduto. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, UFPE, 1-25.
- GIBBS, R. W. Jr. (1994). *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOLDBERG, A. (1995). *Constructions. A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.
- GOLDBERG, A. (2006). *Constructions at work. The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press.
- GRADY, J. (1998). The “conduit metaphor” revisited; a reassessment of metaphors for communication.

In Koenig, J-P. (Ed.), *Discourse and cognition; bridging the gap*. Stanford, California: CSLI Publications, 205-218.

JOHNSON, M. (1987). *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: Chicago University Press.

LAKOFF, G. (1987). *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press.

LAKOFF, G. (1990). The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, 1-1, 39-74.

LAKOFF, G. (1993). The contemporary theory of metaphor. In Ortony (ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251.

LAKOFF, G & JOHNSON, M.(1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.

LAKOFF, G. & TURNER, M. (1989). *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.

REDDY, M. (1979). The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 164-201.

SWEETSER, E. (1990). *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

Recebido em 01/10/2016

Aceito em 31/10/2016